

# O continente libertário da geografia: descontinuidade na história do pensamento geográfico<sup>1</sup>

Geography's anarchist continent: discontinuity in the history of geographic thought

El continente libertario de la geografía: discontinuidad en la historia del pensamiento geográfico



José Vandério Cirqueira

Instituto Federal de Brasília – Brasília – Distrito Federal – Brasil – vanderioifg@gmail.com

**Resumo:** Na história da geografia acumulam-se múltiplas matrizes descontínuas à regularidade do saber científico e acadêmico oficial. Dentre elas, está o continente do pensamento e prática libertária. A historiografia oficial, ao narrar as manifestações teóricas do pensamento geográfico, privilegiou as contribuições de caráter ortodoxo, suprimindo, às vezes silenciando, ou mesmo negligenciando, demais concepções menos convencionais, tidas, neste trabalho, como heterodoxas. Em torno de personagens anarquistas clássicos da geografia, do final do século XIX e início do século XX, constituiu-se uma diversidade de produções de caráter não hegemônico do saber, nutrindo-se de heranças menos convencionais do passado, projetando reorganização paradigmática ou mesmo rupturas no presente. Esse corpo de ideais e de práticas telúricas de caráter libertário, constituídas no passado da geografia, se traduz, atualmente, no que hoje se convencionou denominar de geografia libertária. A fonte deste continente nasce das obras de

<sup>1</sup> Grande parte das reflexões presentes neste artigo é resultado da pesquisa de doutorado intitulada *Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia*, orientada pelo professor Dr. Eliseu Savério Sposito, desenvolvida no PPGG, da UNESP de Presidente Prudente, defendida em outubro de 2015

Élisée Reclus, Léon Metchnikoff e Piotr Kropotkin, legando para o saber geográfico um caudaloso fluxo de contribuição ainda pouco explorado.

**Palavras-chave:** Geografia libertária. História da geografia. Descontinuidade.

**Abstract:** The history of Geography accumulates multiple discontinuous matrices that depart from the regularity of the official scientific and academic knowledge. The continent of anarchist thought and practice is among them. Official historiography, when narrating the theoretical manifestations of geographical thought, privileged orthodox contributions, suppressing, sometimes silencing or even neglecting, other less conventional conceptions, which in this work are considered heterodox. A diversity of non-hegemonic productions of knowledge was formed around classic anarchist geographers from the late nineteenth and early twentieth centuries, finding nourishment in less conventional legacies of the past and projecting paradigmatic reorganization and even ruptures in the present. Such body of anarchist ideals and telluric practices, constituted within the past of Geography, currently translates into what is today called anarchist geography. The source of such continent is born from the works of Élisée Reclus, Léon Metchnikoff and Piotr Kropotkin, and leaves to geographic knowledge a still unexplored relentless flow of contributions.

**Keywords:** Anarchist geography. History of geography. Discontinuity.

**Resumen:** En la historia de la geografía se acumulan múltiples matrices descontinuas a la regularidad del saber científico y académico oficial. Entre ellas, está el continente del pensamiento y práctica libertaria. La historiografía oficial, al narrar las manifestaciones teóricas del pensamiento geográfico, privilegió las contribuciones de carácter ortodoxo, suprimiendo, a veces silenciando, o mismo siendo negligente con demás concepciones, menos convencionales, vistas en ese trabajo, como heterodoxas. Alrededor de personajes anarquistas clásicos de la geografía,

del final del siglo XIX e inicio del siglo XX, se constituyó una diversidad de producciones de carácter no hegemónico del saber, nutriéndose de herencias menos convencionales del pasado, proyectando reorganización paradigmática o mismo rupturas en el presente. Ese cuerpo de ideas y de prácticas telúricas de carácter libertario, constituidas en el pasado de la geografía, es traducido, actualmente, en lo que hoy se convencionó llamar geografía libertaria. La fuente de este continente nace e las obras de Élisée Reclus, Léon Metchnikoff e Pior Kropotkin, legando para el saber geográfico caudaloso flujo de contribución aún poco explorada.

**Palabras clave:** Geografía libertaria. Historia de la geografía. Discontinuidad.

## Palavras iniciais

São das contracorrentes que se originam as geografias heterodoxas. Elas são a contraposição às várias geografias ortodoxas, identificadas por Lacoste (1988, p. 26) como: “a geografia dos oficiais [...], a geografia dos dirigentes do aparelho de Estado [...], a geografia dos exploradores, [...] a geografia dos estados-maiores”, que aqui se buscou denominá-las de geografias ortodoxas. Santos (1978, p. 15) alerta para a “relação entre a expansão da geografia e a da colonização. O ímpeto dado à colonização e o papel nela representado por nossa disciplina teria sido um fator de seu desenvolvimento”.

A apropriação dessa valorosa herança epistemológica da geografia foi levada ao extremo como recurso de imposição do poder estatal, ao passo que Raffestin (1993, p. 17) argumentou que a geografia deixou de ser política para tornar-se geografia do Estado, pois “uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”. Essa incorporação do Estado pela geografia política tratou “e uma geografia unidimensional, o que não é aceitável na medida em que existem múltiplos poderes que se manifestam nas estratégias regionais e locais” (Raffestin, 1993, p. 17). Seguindo essa genealogia do poder estatal, Rudolf Kjellen (1864-1922) alcunhará o conceito de geopolítica, efetivando a tradição ortodoxa no pensamento geográfico, culminando assim “os anos 30, uma série de autores, sob a direção de Karl Haushofer [1869-1946], que elaboraram o pensamento geográfico do Estado nazista, utilizável por qualquer Estado autoritário” (Raffestin, 1993, p. 19).

Esse pequeno exemplo da geografia política alemã não é o único promotor da geografia ortodoxa, mas é o mais explícito. No caso da tradição francesa, evidenciada por Paul Vidal de La Blache haverá também uma geografia do Estado, embora esteja mais intimamente ligada aos aparelhos ideológicos governamentais,

como a tradição academicista. Será uma geografia eminentemente universitária, mas que nos seus meandros epistemológicos está a serviço do projeto colonial civilizatório francês.

A forma como a historiografia dominante explicita o percurso evolutivo do saber geográfico a torna ortodoxa e oficial, uma geografia unidimensional, sujeita ao molde paradigmático do: *saber pensar o espaço para saber nele produzir o Poder*. De confronto está o paradigma libertário, heterodoxo: *saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater* e produzir o poder das liberdades autogeridas, tomando como base a síntese feita por Lacoste (1988).

## Uma história ortodoxa e oficial

Tatham (1959, p. 198) argumenta que “nenhuma ciência pode reivindicar uma genealogia maior do que a geografia”. Para o mesmo autor, a geografia na antiguidade surgiu atrelada a três atividades intimamente ligadas: “a exploração, que provocou a compilação de fatos relativos à superfície da terra; a elaboração de cartas e mapas das áreas conhecidas; o estudo do material arrecadado”.

É importante destacar que as contribuições que se estendem de Anaximandro (610 a.C. - 546 a.C.) até Eratóstenes (276 a.C. - 194 a.C.) estavam ligadas à necessidade de decifrar as medidas da Terra, produzir um sistema representativo baseado em projeções matemáticas, identificar as zonas climáticas e descrever a superfície terrestre (CLAVAL, 2006). Já com relação a Heródoto (485 a.C. - 425 a.C.), Eratóstenes e Estrabão (63 a.C. - ?), eles acrescentaram o domínio das ações humanas, no qual, conforme destaca Lacoste (1988), Heródoto fez além de história uma geografia comprometida com os seres humanos, vendo o espaço como fator estratégico. Isso ocorreu também com Estrabão, que a serviço do governo romano produziu inventário de diversos povos no império e de suas periferias, priorizando mais o centro do que sua hinterlândia, mui-

to embora ele seja conhecido por introduzir a perspectiva regional das análises do saber geográfico. Dentre todos, Ptolomeu (90-168) é o pensador mais central. Ele foi responsável por desenvolver um trabalho de compilação de todos os acúmulos produzidos pela antiguidade, por ter vivido no limiar dessa época. Foi também o elo de contato do saber ocidental com o árabe, além de divulgar o modelo geocêntrico e o sistema de coordenadas que se delongou até a quebra de paradigma causada pela revolução copernicana.

Em relação à herança medieval, o pensamento ortodoxo de Ptolomeu, aderido ao sistema idealista platônico, como também o empirismo radical de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), serviram como sustentação ao paradigma cristão da escolástica, difundida por Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274). O saber geográfico oficial se restringiu aos limitados solilóquios de Cosme Indicopleustes (? - 550) e Isidoro de Sevilha (560-636) (CLAVAL, 2006), só para citar alguns, que reafirmaram o paradigma ptolomaico da Terra plana e centro do universo.

Na renascença, o saber geográfico se aportou nos litorais da exploração geográfica, tomando as direções das grandes navegações ultramarinas alimentadas pelos ventos dos *hasards*, com base na abordagem dada por Lacoste (1990), frutificando as esperanças daquilo que Dardel (1952) chama de geografias heroicas e geografias de *plein vent*, expressão cunhada por Lucien Febvre.

O iluminismo e o racionalismo trarão ao saber geográfico intensos debates epistemológicos. O primeiro deles, segundo aponta Tatham (1959), está ligado aos trabalhos de Anton Friedrich Büsching (1724-1793) e Edme Mentelle (1730-1815), que buscavam aprofundar o dualismo na geografia consolidando a perspectiva político-estatística, com descrições regionais submetidas ao rígido sistema quantitativo explicativo. Esta escola político-estatística se confrontará com a escola da *Reine Geografia*, que apregoava a superioridade dos fenômenos físico-naturais como fundamentos do saber geográfico, tendo seus porta-vozes Polykarp Leyser (1552-1610), Athanasius Kircher (1601-1680), Johann Christoph Gatterer (1727-1799), entre outros.

O paradigma idealista de caráter racionalista alimentado no excepcionalismo geográfico (SCHAEFER, 1953) criado por Immanuel Kant (1724-1804) e também, de certa forma, iniciado pelo cartógrafo escocês John Pinkerton (1758-1826), que buscaram separar e especificar os campos da geografia e da história como saberes distintos entre si, fundaram as bases da geografia analítica de metodologia corográfica. O objeto é a diferenciação da paisagem, demarcada pela metafísica teleológica da contemplação das formas, sistema que ecoou na geografia comparativista de Karl Ritter (1779-1859) (Moreira, 2009) e no neokantismo de Alfred Hettner (1859-1941), com suas diferenciações de áreas, posteriormente sintetizada como procedimento nomotético e idiográfico do paradigma da geografia regional (HARTSHORNE, 1978).

Entretanto, a contribuição de Kant ao saber geográfico ainda é mais profunda, conforme é possível verificar no trabalho *Kant, Kantismo e a Geografia*, organizado por Vitte (2014). Este foi responsável por definir o campo epistemológico da geografia, valorizando a categoria espaço como objeto central de estudo da ciência geográfica, mergulhando no debate teórico-metodológico das categorias universais tempo (correspondente à história) e espaço (correspondente à geografia).

Com esse *giro retórico* dos procedimentos metodológicos da análise geográfica sobre a natural, Kant irá constituir todas as bases sólidas para a construção do vigoroso edifício institucional da geografia. Com a institucionalização da ciência geográfica pelos seus *padres putativos*, Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), conforme evoca Capel (1981), fundamentaram a integração dos esparsos e numerosos caminhos teórico-metodológicos pelo exercício de síntese do saber geográfico. Eles fundaram a intercalada malha da geografia como científica moderna, permanecendo inabalada até a sistematização da geografia regional e da geografia humana realizada por Paul Vidal de La Blache (1845- 1918).

O debate epistemológico ligado ao empirismo lógico e ao romantismo deu direcionamento ao novo paradigma das ciências

naturais: o evolucionismo. Segundo Vitte (2009), o darwinismo será constituído a partir da influência da filosofia natural, tendo na sua base as contribuições de Humboldt.

Já em relação a Ritter, é importante destacar sua permanente dependência da explicação teleológica do mundo, que ao contrário de Humboldt, conforme demonstrou Vitte (2010), foi superando sua metafísica ontológica da explicação da natureza na aurora da modernidade industrial. A geografia comparada de Ritter porta o carácter histórico como elemento diferencial, estando estruturada pelo finalismo e pelas determinações físicas da Terra sobre os seres humanos, além de evidenciar as intensas relações que demarcam a forma como os sujeitos reagem e transformam a natureza, evidenciando a profunda conexão entre a natureza orgânica e a organização política do território.

Segundo Capel (1981, p. 47), Ritter especifica o objeto da geografia como estudo da superfície terrestre, que é vista como palco das relações humanas, noção compartilhada com Johann Gottfried von Herder (1744-1803), na qual Ritter absorveu de Johann Reinhold Forster (1729-1798), Georg Forster (1754-1794) e Johann August Zeune (1778-1853), que se dedicaram ao estudo das individualidades geográficas ou regionais pela noção de totalidade ou conjunto.

Para Tatham (1959, p. 211), “o conceito de individualidade regional, derivado das ideias de Zeune e dos Forster, combinado com o conceito de *ganzkeit* ou conjunto, segundo Kant, tornaram-se uns dos motivos da *Erdkunde* [de Ritter]”. Ritter utiliza o conceito *Erdkunde* [a ciência da Terra] para especificar o domínio do método comparativo, que ressoou profundamente em Élisée Reclus, na sua também *Erdkunde*, a *Nouvelle Géographie Universelle*. Essa herança possibilitou o paradigma fragmentário da modernidade industrial, da geografia humana e política de Friedrich Ratzel (1844-1904), da geografia social e política de Reclus e da geografia humana e regional de La Blache (1845-1918).

Nota-se o carácter essencialmente ortodoxo legado por Ritter a Ratzel, Ferdinand von Richthofen (1833-1905), Rudolf Kjellen (1864-



1922), Halford John Mackinder (1861- 1947), Karl Haushofer (1869-1946) e La Blache. Estes mantiveram a tradição de sujeitar a produção acadêmica geográfica ao crivo dos aparelhos dominantes do Estado moderno. Para promover a transformação paradigmática do saber geográfico exerceram forte ingerência seletiva às *outras* geografias. Ao delinear campo científico coeso, eles apresentaram o objeto de estudo geográfico isento da dimensão do poder e das estratégias de transformação, uso e controle do espaço.

Oscar Peschel (1826-1875) definiu a geografia como uma ciência sistemática e empírica, e neste percurso classificatório, criticou profundamente a adesão política, social e histórica da geografia de Ritter, buscando consolidar uma geografia prontamente física (CLAVAL, 2006). Segundo Tatham (1959, p. 221), a contribuição de Peschel “foi tão extraordinária e as possibilidades de investigação abertas pela mesma tão sedutora que, por algum tempo, o estudo das formas do terreno tornou-se a parte dominante da geografia [...]”. Ratzel será o responsável por recuperar o valor dos estudos humanos na geografia do final século XIX.

Por ser geografias oficiais universitárias, elas ganharam o direito de inventário sobre as outras geografias que margeavam as fronteiras acadêmicas, construindo à sua forma impressões, discursos, classificações, nomeações e narrativas completas, abrindo caminho ou fechando-o para eventuais diálogos com as produções heterodoxas

É importante sinalizar que o modelo imperial, territorialista e até mesmo de matriz totalitária presente na geografia de Richthofen, Mackinder, Kjellen e Haushofer é o resultado direto do paradigma industrial baseado no capitalismo imperial da segunda metade do século XIX e início do século XX, levado às consequências mais extremas de práticas colonialistas, imperialistas e fascistas de todas as espécies. De forma indireta, este modelo é tributário do percurso epistemológico nascido das investidas idealistas de Kant, no bojo da excepcionalidade do espaço, integrado ao projeto de desenvolvimento iluminista liberal.

Os fundamentos teóricos da filosofia natural evidenciados pelo nascente paradigma evolucionista serão bases diretas para a formação da geografia humana e política de Ratzel, por estar envolvido pelo fértil contexto intelectual, oriundo da inovadora teoria de Charles Darwin (1809-1882), do evolucionismo social de Herbert Spencer (1820-1903) e da ecologia de Ernst Haeckel (1834-1919). Capel (1981, p. 278) destaca que “el impacto de las ideas positivistas y evolucionistas fue particularmente intenso en la geografía aleman, debido a la relativamente temprana institucionalización de esta ciencia em dicho país”.<sup>2</sup>

Ratzel, e de forma até mais decisiva, La Blache, desempenharam papel fundamental na evolução da geografia no final do século XIX e início do século XX, conforme destaca Tatham (1959). O primeiro desempenhou papel revolucionário pela qualidade da sua obra, que equivocadamente foi entendida como síntese da geografia imperialista pela historiografia, não atentando para o esforço de Ratzel em definir leis específicas ao campo científico da geografia. Mesmo esses geógrafos mais evidenciados também têm suas contribuições heterodoxas sufocadas pela historiografia oficial.

No caso específico de La Blache, além de ter sido o protótipo fiel do geógrafo acadêmico, com trabalho exaustivo de consolidação da geografia oficial, suas contribuições foram muito importantes para a sistematização do saber geográfico. A sua geografia humana, a tradição regional, e a redescoberta da geografia política (LACOSTE, 1979), fortaleceu metodologicamente a geografia, deixando enorme legado.

Haesbaert, Pereira e Ribeiro (2012) apresentaram, recentemente, um rico trabalho denominado de *Vidal, Vidais*, que se propõe fazer uma releitura de Vidal, reforçando ainda mais a diversidade teórica desse clássico da geografia ao traduzir textos clássicos, desconhecidos e paradigmáticos do grande geógrafo francês. Desmistificaram o fictício conflito Ratzel (determinista)

<sup>2</sup> “o impacto das ideias positivistas e evolucionistas foi particularmente intenso na geografia alemã, devido à precoce institucionalização dessa ciência naquele país.”

e La Blache (possibilista) criado por Lucien Febvre [1878 – 1956], para destacar que houve graves equívocos da historiografia ao narrar o que foi realmente Vidal.

Os equívocos se iniciaram, segundo eles, com a taxação do conceito região como obstáculo, realizado por Lacoste, e que somente com os trabalhos de Claval, Gomes, Robic entre outros, que esses equívocos foram sanados. “De um modo geral podemos dizer que a história do pensamento geográfico *canonizou* a Geografia vidaliana, ao reduzi-la a uma única versão, pautada em alguns artigos” (HAESBAERT; PEREIRA; RIBEIRO, 2012, p. 13). Eles argumentam que é necessário *descanonizar* Vidal, avaliando um *outro* ou os diversos Vidais, considerando o caráter dinâmico e múltiplo de sua extensa obra, chegando ao ponto de afirmar que ele é “um autor engajado no contexto socioeconômico, histórico e (geo)político de sua época” (p. 14)<sup>3</sup>.

Já Robic (2009) vem demonstrar que, apesar de diferenças de cunho ideológico existentes entre Vidal e Reclus, existem muitas similitudes entre suas geografias. Para ela, os dois foram os maiores geógrafos clássicos franceses, responsáveis pelo impulso criativo do saber na vidada do século XIX para o XX. E a maior aproximação entre os dois, bem como, suas maiores contribuições, estão ligadas a inovadora qualificação que dão ao conceito de espaço-tempo.<sup>4</sup>

## Descontinuidades discursivas no pensamento geográfico

As geografias de Léon Metchnikoff (1838-1888) [1889], Élisée Reclus (1830-1905) [1905], Piotr Kropotkin (1842-1921) [1892, 1910], por não estarem diretamente vinculadas à oficialidade acadêmica, promoveram a consolidação de certa regularidade discursiva: a

3 “Por essas e outras razões, cremos que a Geografia vidaliana, com todas as suas idas e vindas, representou uma perspectiva científica de vanguarda no ambiente intelectual francês na virada do século XIX para o XX, proporcionando, ainda hoje, releituras e debates importantes – como costuma ocorrer com todo autor a merecer o adjetivo ‘clássico’” (Haesbaert; Pereira; Ribeiro, 2012, p. 15).

4 “Reclus e Vidal de la Blache partilham uma mesma sensibilidade relativizando o valor dos lugares pelas sociedades. Eles emitem julgamentos semelhantes sobre a variedade histórica das relações entre os homens e o meio”. (ROBIC, 2009, p. 306, tradução nossa). Língua original: francês.

geografia libertária. Neste caso, uma geografia libertária clássica, destoando, em certos aspectos particulares, das mais recentes geografias anarquistas, autonomistas (SOUZA, 2015, 2017), *queer*, pós-coloniais etc., pertencentes ao continente das geografias dissidentes (CIRQUEIRA, 2018).

No bojo desse discurso regular, paradoxalmente evidenciam-se descontinuidades discursivas no que tange à contiguidade aberta pela geografia ratzeliana e lablacheana, rompendo com seus respectivos paradigmas, pela via do paradigma libertário da organização comunalista e internacionalista do espaço, bem como do axiomático entendimento acerca da noção de Estado, poder e território.

A geografia libertária origina-se da crítica do saber geográfico enquanto campo de poder a serviço do Estado, dos instrumentos hierárquicos de dominação territorial, do capital e do colonialismo. Através das obras e da postura combativa dos personagens Reclus, Metchnikoff e Kropotkin, ocorrerá a descontinuidade na aparente regular reflexão epistemológica que vigorava na segunda metade do século XIX e início do século XX, por estar voltada a essa *oscilação funcional*, usando as palavras de Foucault (2007), no interior do campo do saber geográfico.

Esse movimento descontínuo, com sua especificidade do conjunto de regra de decisão frente modelo regulado, sofreu diversas censuras, em decorrência do envolvimento dos geógrafos libertários citados e de seus companheiros com a militância anarquista e antiautoritária. Assim, essa modalidade de pensamento não conseguiu ecoar de forma fluida sobre a academia oficial, não sendo reconhecido como possível novo paradigma pela comunidade acadêmica. Por isso, no interior da regularidade discursiva oitocentista da geografia apresenta-se a perspectiva do anarquismo à geografia, soando descontinuamente ao paradigma utilizado (evolucionismo), não conseguindo abalar as estruturas e não chegando ao ponto de ser visto como movimento revolucionário de transformação paradigmática do campo do saber geográfico.

Essa descontinuidade discursiva é baseada em dois pilares centrais: o discurso das liberdades, que almeja a organização espacial do poder horizontal; e o discurso do equilíbrio, relacionado à autogestão do território. Essas modalidades discursivas soam essencialmente incompatíveis com o projeto de geografia da época, por sua vez, com o projeto de sociedade, de mercado e de Estado nacional que estava sendo exercitado.

O tema das descontinuidades no interior de campo do saber e das ciências é evidenciado por quatro autores principais, que dadas suas variedades epistemológicas, ocorre certo consenso no que diz respeito à crítica as ciências e seu modelo dogmático racionalista, e no que tange ao movimento de desconstrução do discurso historiográfico canônico. Bachelard (1996, 2006), inicia a discussão apresentando os processos de descontinuidades discursivas nas epistemologias do saber científicos. Depois, Foucault (2007, 2012) aborda as descontinuidades dentro da regularidade discursiva, sugerindo a substituição do estudo histórico para o estudo arqueológico do saber. Seguido por Kuhn (1971), que realiza a discussão da descontinuidade baseada nas quebras paradigmáticas como forças motrizes da revolução do saber. Por último, Feyerabend (2011) desenvolve forte crítica à sacralização da ciência e a evolução do saber pela via do método hipotético-dedutivo racionalista, tencionando a perspectiva do seu *contra o método*.

Esse processo de desconstrução é oriundo da crítica que Friedrich Nietzsche [1844 – 1900] (2001) faz da ciência e de seus mecanismos racionais de explicação da realidade. Reclus, apesar de construir duras críticas ao aristocratismo presente no discurso de Nietzsche, destaca positivamente o papel da sua crítica ao racionalismo científico. Ele combate a suposta neutralidade científica e a teleologia enquanto sentido da sociedade, defendendo a ciência a serviço da vida e não do poder. Foucault (2012) destaca que o processo de desconstrução empreendido por Karl Marx (1818-1883) foi incompleto frente ao de Nietzsche, em decorrência do primeiro ter operado na procura de uma história global, suprimindo todas as diferenças da sociedade por um sistema de valores

único, coerente ao projeto civilizatório ocidental, recriando nova teleologia discursiva regular.

Dentre as diversas descontinuidades, o paradigma libertário, gestado pela matriz das geografias anarquistas clássicas, fez-se combativo à hegemonia da geografia imperial e acadêmica. Nessa descontinuidade, a presença de elementos não convencionais ao paradigma dominante, como o discurso das liberdades ácratas, o federalismo libertário, a descentralização e a autogestão das comunas locais e regionais e o reconhecimento dos povos tradicionais e suas práticas territoriais, fez-se muito presente. Outro fator de peso, é a crítica ao domínio colonial etnocêntrico, o destaque à opressão imperial e a dependência do saber geográfico dos espectros *Estado-Nação*, *civilização* e *progresso* entre outros, tornaram incompatível essa geografia das liberdades (CREAGH, 2011) ao modelo adotado. Uma geografia anticolonial, que denunciava a exploração social e a dominação territorial e suas hierarquias hegemônicas trazidas pelo capital e o Estado moderno, não fazia parte dos planos da historiografia tradicional da época.

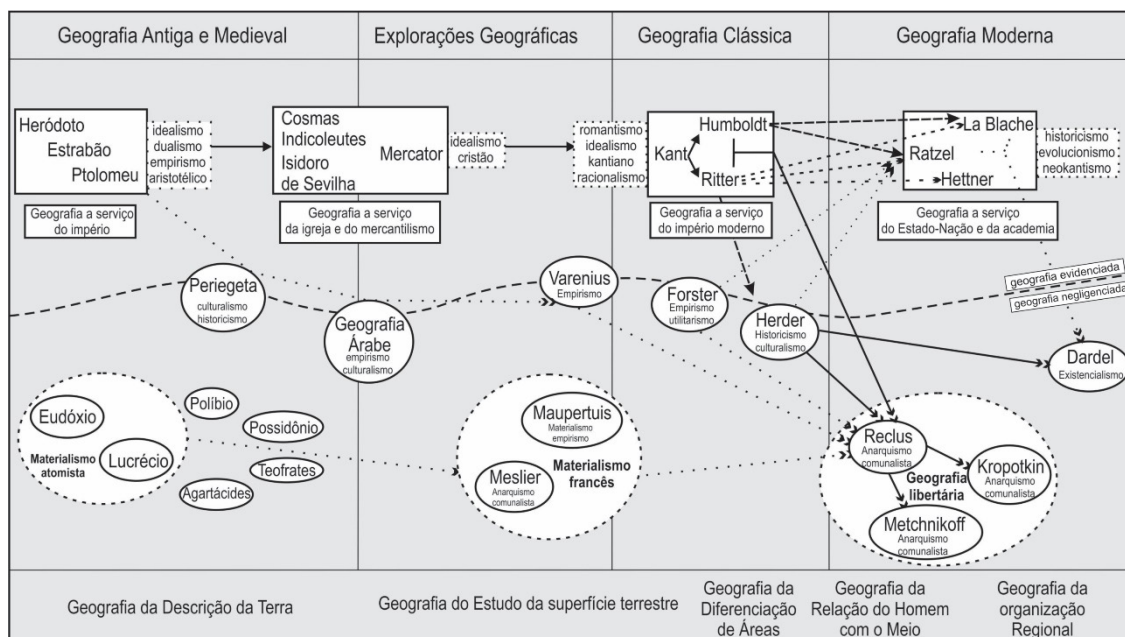
No exercício arqueológico da geografia libertária nota-se que ela surgiu como um enclave em meio à progressividade histórica herdada do legado clássico Kant-Humboldt-Ritter, no limiar da herança moderna de Ratzel-La Blache-Hettner. Por sua vez, esse território arqueológico liga-se indiretamente aos longínquos territórios imateriais do saber geográfico, tanto do lado das geografias mais evidenciadas quanto das geografias negligenciadas, caso dos fragmentos de composições das inteligências passadas da análise geopolítica de Heródoto, da descrição das paisagens e dos sujeitos, feita por Estrabão, e do legado da representação espacial de Ptolomeu.

Os territórios arqueológicos do saber representados por Reclus (1830-1905), Kropotkin (1842-1921), Charles Perron (1837-1909), Metchnikoff (1838 - 1888) e Mikhail Dragomanov (1841-1895), só para citar alguns, formam o continente da geografia libertária, compondo a regularidade discursiva da geografia dissidente, localizada nos subterrâneos da historiografia oficial (CIRQUEIRA,

2018). Entretanto, esse continente é descontínuo à regularidade ortodoxa, mesmo tendo absorvido pressupostos teórico-metodológicos gestados por Kant, Ritter e Humboldt. A matriz libertária foi contemporânea da geografia acadêmica dominante e tentou promover o debate com este território moderno do saber, representado por Ratzel, Hettner e La Blache.

O discurso científico oficial foi trilhado uniformemente ao arranjo almejado pela ideologia dominante da academia, ou pelos interesses que regem a produção do conhecimento geográfico, interesses estes tributários dos impérios na antiguidade, formando o veio epistêmico do idealismo dualista de base socrático-platônica e do empirismo aristotélico. Esse veio epistêmico foi assimilado, reconfigurado e continuado pela tradição judaico-cristã, tendo a escolástica como movimento de assimilação e de decantação da *episteme* greco-romana clássica (ONFRAY, 2008). Por sua vez, o idealismo cristão culminou no idealismo kantiano, e a geografia que estava a serviço da igreja e do mercantilismo estará agora a serviço dos impérios modernos. A partir da institucionalização da geografia são incorporadas diversas *epistemes*, em decorrência do movimento de fragmentação em curso no saber oriundo da modernidade industrial, mas no seu conjunto, manteve-se o percurso oficial do saber geográfico vinculado ao idealismo aberto no passado.

Quadro 1 - Regularidade e descontinuidade discursiva na geografia



Fonte: Pinto (2014).

Em contrapartida, no caso do continente da geografia libertária, seu percurso de transformação discursiva é muito mais acidentado, dotado de desníveis, mudanças de curso, falhas e barreiras epistemológicas. Isso não significa que ele não se liga indiretamente aos períodos transicionais vividos pela história da geografia, pois nenhum saber pode se desenvolver desconectado das manifestações intelectuais de sua época. O que ocorre é que ele se relaciona de forma diferente, compondo relações subterrâneas com epistemologias adversas a ortodoxia dominante (CIRQUEIRA, 2018).

Essas geografias do passado longínquo do saber geográfico mantêm relação e crítica com pensamento de sua época. O que as torna, em parte, heterodoxas, é o fato delas terem tido a oportunidade de antecipar ou inovar contribuições ao campo do saber geográfico, que ao serem negligenciadas, por terem transmitido caráter heterodoxo para a época, foram, em alguns casos, recuperadas mais à frente. Caso emblemático é o existencialismo de Éric Dardel (1899-1967) e de John Kirtland Wright (1891-1969), que



detiveram fragmentos arqueológicos do pensamento de Herder, se relacionando com a geração fenomenológico-existencial da primeira metade do século XX, projetando indiretamente a nascente geografia humanista e cultural, pós-década de 1980.

A geografia de Reclus, marcada pelo anarquismo comunista, congrega-se aos territórios arqueológicos de Kropotkin, Perron e Metchnikoff, formando o continente libertário da geografia. Esse continente absorveu diretamente as contribuições do romantismo e do racionalismo de Humboldt e de Ritter, como também do historicismo de Herder, principalmente sua contribuição à noção de espaço como condicionalidade e identidade cultural na formação histórica da nação. Indiretamente, o empirismo em Reclus e Kropotkin advém das proposições do utilitarismo corológico de Forster e da sistematização descritiva de Bernardo Varenius (1622-1650). Estas duas contribuições estão postadas no limiar da historiografia que recebeu maior evidência e da que foi negligenciada. Essa posição de fronteira decorre do fato de seus trabalhos não terem conseguido ampla difusão diante do saber geográfico.

Mas existe outro eixo de composição, paradoxalmente contrário à tradição idealista do saber geográfico; a dimensão materialista atomista. Segundo Onfray (2008), esse fundamento foi germinado por Demócrito, seguindo longuíssima tradição, que passa por Lucrecio e Epicuro. Grande parte do que Metchnikoff (1889) e Reclus (1869, 1905) discutem no bojo de uma dialética da natureza mantém fragmentos arqueológicos da compreensão materialista atomista nascida da *Natureza das coisas* (LUCRÈCE, 1964), de Lucrecio (99 a.C. – 55 a.C.). Nessa obra está identificado o fundamento da natureza baseado na dialética atomista. No materialismo lucreciano, a imanência material e a relação interativa e dialética entre as coisas e o mundo, perpassam pelo eterno movimento criador-destrutor-transformador dos fenômenos. O todo está sujeito à dialética atomista do movimento.

O materialismo, na antiguidade, não conseguiu suficiente perenidade, sendo drasticamente combatido, negligenciado e profanado pela tradição *vencedora* platônica. Somente com Marx e

Friedrich Engels (1820-1895) que o materialismo dialético de matriz democritiana será recuperado, através da obra *A ideologia alemã* (1974) e demais trabalhos, dando precedentes para posteriores usos das vertentes socialistas, inclusive do socialismo libertário de Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865) [que antecede Marx], Bakunin, Reclus e Kropotkin.

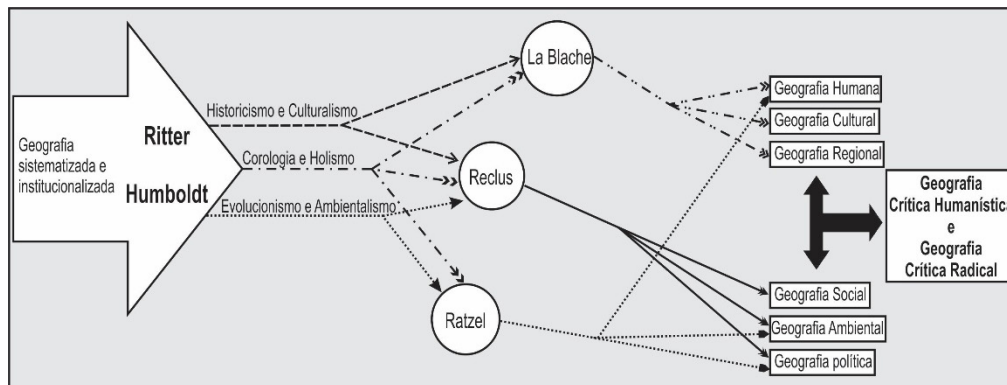
Entre o materialismo atomista da antiguidade e o materialismo dialético do socialismo da modernidade existem *anomalias*, usando a expressão adotada por Kuhn (1971), que decisivamente melhor compuseram o materialismo construído pelo continente libertário, por estar impresso no seu conjunto o debate da natureza, sua contingencialidade e organicidade, elementos totalmente ausentes na discussão marxista originária. A presença da natureza enquanto conceito fundador do materialismo, lançado por Lucrécio (99 a.C. - 55 a.C.), refletirá nas composições insulares de Políbio (203 a.C. - 120 a.C.), Possidônio (135 a.C. - 51 a.C.), Teofrastes (372 a.C. - 287 a.C.) e Agartácides (170 a.C. - 100 a.C.), chegando até o longínquo continente do materialismo francês após ter vencido extensos oceanos da fragmentação do saber, tendo seus representantes Jean Meslier (1664-1729) e Pierre Maupertuis (1698-1759), de forma direta, e indiretamente, Julien de La Mettrie (1709 – 1751) e barão D’Holbach (1723-1789), que vinculam seu materialismo radical à imanência da natureza. O materialismo francês abrirá precedente para a tradição socialista francesa debater a relação entre sociedade e natureza, as conseqüentes lutas de classe e as dinâmicas sociais de transformação do espaço pelos processos de revolta, conforme destaca Reclus (2002), quando analisa a Revolução Francesa e a Comuna de Paris pelo âmbito não somente histórico, mas sobretudo, geográfico. Por ser uma *episteme* marginal, transmitida pelos subterrâneos do pensamento, é difuso capturar o papel do materialismo francês na composição do conceito de homem, mulher [Wosllstonecraft (2016), reivindica os direitos da mulher, no contexto do iluminismo], natureza e liberdade presente no continente libertário da geografia.

De um modo geral, esse continente libertário foi permeado pelo paradigma do estudo das diferenciações de áreas, da relação do homem e da mulher com o meio, mas também, pelo estudo da organização do espaço, por estar paralelo às proposituras regionais da matriz lablacheana. Dessa forma, mesmo estando do lado de fora da fronteira oficial da geografia eles estão integrados aos ecos acadêmicos que a matriz dominante produziu. A historiografia oficial tentou não revelar o papel do paradigma libertário, mesmo assim, subterraneamente e indiretamente essa geografia produziu reflexo à conformação de novas geografias, quando elas passaram pela fase de radicalização do pós-década de 1970, ou mesmo antes, com Situacionismo e a teoria espacial e urbana da Deriva.<sup>5</sup>

Do movimento de institucionalização da geografia produziu-se a *episteme* historicista e culturalista, refletindo diretamente em La Blache e em Reclus. Já a *episteme* corológica e holista marcou a obra de Reclus, Ratzel e La Blache. E a *episteme* evolucionista e ambientalista foi decisiva na composição da obra de Ratzel e de Reclus. Essas *epistemes* foram refletidas por La Blache e Ratzel pela área da geografia humana, dentro do movimento de fragmentação do pensamento geográfico, e pela geografia cultural e regional, também pelo rico legado de La Blache. Já em Reclus, sua geografia será refletida diretamente sobre a área da geografia social, ambiental e política, tendo as duas últimas áreas como reflexo principal da obra de Ratzel.

5 “Os nomes de Guy Debord e Raoul Vaneigem, entre outros, vão dar novo curso ao pensamento geográfico, abrindo novos veios para as dissidências se fixarem sobre o saber espacial, principalmente através das bases da teoria da deriva, composição que não recebeu devida atenção da geografia crítica nascente em plena movimentação desconstrucionista de 68, e que até hoje merece ser revista seu papel, com suas práticas demasiadamente vivas nos territórios da autonomia, nos *okupas*, nas barricadas, nos levantes, nas práticas insubmissas libertárias nas favelas e nos assentamentos rurais revoltados.” (CIRQUEIRA, 2018, p. 79).

## Quadro 2 - Reflexos da geografia de Ratzel, Reclus e de La Blache na geografia atual



Fonte: Pinto (2014).

Todas essas áreas compuseram um efervescente e renovado contexto discursivo na geografia, marcado pelo processo de renovação e tomadas de novas direções, fluindo na quebra paradigmática ensejada pelas vias da geografia crítica humanística e da geografia crítica radical. As descontinuidades promovidas por Reclus e mesmo Kropotkin refletirão mais diretamente no paradigma crítico radical, pois no período em que foram apresentadas elas não conseguiram penetrar no paradigma dominante e, quando a geografia ingressou no movimento de renovação, abriram-se novos precedentes para o reconhecimento e a reutilização de certas noções que haviam sido negligenciadas.

É importante destacar que esses três nomes – Ratzel, Reclus e La Blache – são representantes centrais tanto na reflexão de novas áreas da geografia como no movimento de redirecionamento dos seus paradigmas, por terem conduzido diversas espécies de descontinuidades discursivas. Por outro lado, podem ser feitos muitos outros exercícios arqueológicos que façam emergir outros importantes redirecionamentos paradigmáticos da geografia.

## Considerações finais

É preciso destacar o que estava de fora do prisma oficial da historiografia, e nesse exercício encontram-se descontinuidades heterodoxas consideráveis para se repensar os caminhos que o saber geográfico fez até chegar à atualidade, e que, dependendo da forma como a história da geografia ocultou certas contribuições, ela pode interferir na revolução paradigmática do saber, atrasando, subtraindo ou eliminando a renovação do pensamento.

Outro elemento importante é a necessidade de provocar a discussão dialética entre o saber acadêmico dominante da geografia – assentado com o *status* de oficial, dotado da voz que fala mais alto –, e o saber heterodoxo – fora dos domínios territoriais hegemônicos do pensamento –, que tem sua voz abafada ou mesmo emudecida, que constrói seu domínio à parte, adverso e independente. Esses desníveis descontínuos trazem propostas divergentes ao saber dominante, como é o caso das contribuições dos anarquistas.

Por isso, é fundamental levantar a discussão acerca de como se deu a formação do paradigma libertário na geografia, e como esse processo refletiu sobre o discurso geográfico das dissidências.

## Referências

BACHELARD, G. **A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA PSICANÁLISE DO CONHECIMENTO.** RIO DE JANEIRO: CONTRAPONTO, 1996.

BACHELARD, G. **A EPISTEMOLOGIA.** LISBOA: 70, 2006.

CAPEL, H. **FILOSOFÍA Y CIENCIA EN LA GEOGRAFÍA CONTEMPORÁNEA: UNA INTRODUCCIÓN A LA GEOGRAFÍA.** BARCELONA: TEMAS UNIVERSITARIOS, 1981.

- CIRQUEIRA, J. V. **GEOGRAFIAS SUBTERRÂNEAS: PARA ENSINAR UMA PRÁTICA GEOGRÁFICA NAS TRINCHEIRAS DA ANARQUIA.** PORTO ALEGRE: DERIVA. UNIÃO DA VITÓRIA: MONSTRO DOS MARES, 2018.
- CLAVAL, P. **HISTÓRIA DA GEOGRAFIA.** LISBOA: EDIÇÕES 70, 2006.
- CREAGH, R. O QUE É UMA GEOGRAFIA DAS LIBERDADES? IN: COELHO, P. A. **ÉLISÉE RECLUS E A GEOGRAFIA DAS LIBERDADES.** SÃO PAULO: IMAGINÁRIO, 2011. P. 23-34.
- DARDEL, E. **L'HOMME ET LA TERRE: NATURE DE LA RÉALITÉ GÉOGRAPHIQUE.** PARIS: PUF, 1952.
- FEYERABEND, P. **CONTRA O MÉTODO.** 2. ED. SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2011.
- FOUCAULT, M. **A ARQUEOLOGIA DO SABER.** 8. ED. RIO DE JANEIRO: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 2012.
- FOUCAULT, M. **AS PALAVRAS E AS COISAS.** 9. ED. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2007.
- HAESBAERT, H.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (ORG.). **VIDAL, VIDAIS: TEXTOS DE GEOGRAFIA HUMANA, REGIONAL E POLÍTICA.** RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2012.
- HARTSHORNE, R. **PROPÓSITOS E NATUREZA DA GEOGRAFIA.** SÃO PAULO: HUCITEC, 1978.
- KROPOTKIN, P. **CHAMPS, USINES ET ATELIERS: OU L'INDUSTRIE COMBINÉE AVEC L'AGRICULTURE, ET LE TRAVAIL CÉRÉBRAL AVEC LE TRAVAIL MANUEL.** PARIS: STOCK, 1910.
- KROPOTKIN, PIOTR. **LA CONQUÊTE DU PAIN.** PARIS: TRESSE E STOCK, 1892.
- KUHN, T. S. **LA ESTRUCTURA DE LAS REVOLUCIONES CIENTÍFICAS.** MÉXICO: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1971.
- LACOSTE, Y. **A GEOGRAFIA, ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER A GUERRA.** CAMPINAS: PAPIRUS, 1988.
- LACOSTE, Y. À BAS VIDAL!... VIVA VIDAL! **HÉRODOTE,** N. 16, P. 68-91, 1979.

LACOSTE, Y. **PAYSAGES POLITIQUES: BRAUDEL, GRACQ, RECLUS...** PARIS: LE LIVRE DE POCHE, 1990.

LUCRÈCE, T. C. **DE LA NATURE.** PARIS: GARNIER, 1964.

MARX, K.; ENGELS, F. **A IDEOLOGIA ALEMÃ:** CRÍTICA DA FILOSOFIA ALEMÃ MAIS RECENTE NA PESSOA DOS SEUS REPRESENTANTES FEUERBACH, B. BAUER E STIRNER, E DO SOCIALISMO ETC. LISBOA: PRESENÇA, 1974.

METCHNIKOFF, L. **LA CIVILISATION ET LES GRANDS FLEUVES HISTORIQUES.** PARIS: HACHETTE, 1889.

MOREIRA, R. **PARA ONDE VAI O PENSAMENTO GEOGRÁFICO?** POR UMA EPISTEMOLOGIA CRÍTICA. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2009.

NIETZSCHE, F. **A GAIA CIÊNCIA.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2001.

ONFRAY, M. **CONTRA-HISTÓRIA DA FILOSOFIA:** AS SABEDORIAS ANTIGAS. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2008. (v. 1).

PINTO, J. V. C. **GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA EM ÉLISÉE RECLUS:** CONTRIBUIÇÃO HETERODOXA À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA. 2014. 527 F. TESE (DOUTORADO) - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2014.

RAFFESTIN, C. **POR UMA GEOGRAFIA DO PODER.** SÃO PAULO: ÁTICA, 1993.

RECLUS, É. **A EVOLUÇÃO, A REVOLUÇÃO E O IDEAL ANARQUISTA.** SÃO PAULO: IMAGINÁRIO, 2002.

RECLUS, É. **L'HOMME ET LA TERRE.** PARIS: LIBRAIRIE UNIVERSELLE, 1905. 6 TOMES.

RECLUS, É. LA TERRE. **DESCRIPTION DES PHÉNOMÈNES DE LA VIE DU GLOBE:** L'OCÉAN, L'ATMOSPHÈRE, LA VIE. PARIS: HACHETTE, 1869. TOME 2.

ROBIC, M-C. DE LA RELATIVITÉ... ÉLISÉE RECLUS, PAUL VIDAL DE LA BLACHE ET L'ESPACE-TEMPS. IN.: BORD, J-P. *ET. AL.* (ÉD.). **ÉLISÉE RECLUS:** PAUL VIDAL DE LA BLACHE. LE GÉOGRAPHE, LA CITÉ ET LE MONDE HIER ET AUJOURD'HUI (AUTOUR DE 1905). PARIS: L'HARMATTAN, 2009.

SANTOS, M. **POR UMA GEOGRAFIA NOVA.** SÃO PAULO: HUCITEC, 1978.

SOUZA, M. L. **DOS ESPAÇOS DE CONTROLE AOS TERRITÓRIOS DISSIDENTES: ESCRITOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ANÁLISE POLÍTICA.** RIO DE JANEIRO: CONSEQUÊNCIA, 2015.

SOUZA, M. L. **POR UMA GEOGRAFIA LIBERTÁRIA.** RIO DE JANEIRO: CONSEQUÊNCIA, 2018.

SCHAEFER, F. K. EXCEPTIONALISM IN GEOGRAPHY: A METHODOLOGICAL EXAMINATION. **ANNALS OF THE ASSOCIATION OF AMERICAN GEOGRAPHERS**, v. 43, n. 3, p. 226-249, SEP. 1953.

TATHAM, G. A GEOGRAFIA NO SÉCULO DEZENOVE. **BOLETIM GEOGRÁFICO**, ANO XVII, n. 150, p. 198-226, MAIO/JUN. 1959.

VITTE, L. C. AS INFLUÊNCIAS DA FILOSOFIA NATURAL E DA NATURPHILOSOPHIE NA CONTRIBUIÇÃO DO DARWINISMO: ELEMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA GEOGRAFIA FÍSICA MODERNA. **BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA**, GOIÂNIA, v. 29, n. 1, p. 13-32, JAN./JUN. 2009.

VITTE, L. C. KANT, GOETHE E ALEXANDER HUMBOLDT: ESTÉTICA E PAISAGEM NA GÊNESE DA GEOGRAFIA FÍSICA MODERNA. **ACTA GEOGRÁFICA**, BOA VISTA, v. 4, n. 8, p. 7-14, JUL./DEZ. 2010.

VITTE, L. C. (ORG.) **KANT, KANTISMO E A GEOGRAFIA: HISTÓRIAS, PERCALÇOS E POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS.** CURITIBA: APPRIS, 2014.

WOLLSTONECRAFT, M. **REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER.** SÃO PAULO: BOITEMPO, 2016.

## Autoria

José Vandério Cirqueira Pinto - Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás. em geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Doutor em geografia pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é professor de geografia do quadro permanente do Instituto Federal de Brasília. (orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3268-0042>)

Received for publication on january 28, 2020  
Accepted for publication on february, 15, 2020  
Published on 14 march, 2020